
SEMANA DE ENFERMAGEM



A Responsabilidade Social no Contexto da Enfermagem



Local:
Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Porto Alegre, RS, Brasil
09 a 11 de maio de 2007**



Resumos 2007

**HOSPITAL DE CLÍNICAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM-RS**

***“A Responsabilidade Social
no
Contexto da Enfermagem”***

09 a 11 de maio de 2007

Local
Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Hospital de Clínicas
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)

Presidente: Sérgio Carlos Eduardo Pinto Machado

Vice-presidente: Amarílio Vieira de Macedo Neto

Grupo de Enfermagem

Coordenadora: Ana Maria Müller de Magalhães

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor: Pedro César Dutra Fonseca

Escola de Enfermagem

Diretora: Liana Lautert

Vice-diretora: Eva Neri Rubim Pedro

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – Seção RS (ABEn-RS)

Presidente: Joel Rolim Mancia

Vice-presidente: Valéria Lech Lunardi

S471r Semana de Enfermagem (2007, maio 9-11 : Porto Alegre, RS)

A responsabilidade social no contexto de enfermagem : resumos da Semana de Enfermagem / Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [e] Associação Brasileira de Enfermagem - RS. – Porto Alegre : HCPA; UFRGS, Escola de Enfermagem, 2007.

1 CD-ROM : il. color. ISBN: 978-85-87582-27-0

Evento realizado no Anfiteatro Carlos César de Albuquerque, com cursos na Escola de Enfermagem e no HCPA.

Evento conhecido, em suas edições anteriores, como: Semana de Enfermagem do HCPA.

1. Enfermagem. 2. Promoção da saúde. 3. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Associação Brasileira de Enfermagem – RS. IV. Issi, Helena Becker. V. Semana de Enfermagem do HCPA. VI. Título. VII. Título: Resumos da Semana de Enfermagem. LHSN – 001.300 NLM – W 3

Catálogo pela Biblioteca da Escola de Enfermagem.

ENSAIO SOBRE O DELINEAMENTO DO EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

Marcio Wagner Camatta(1)
Jacó Fernando Schneider(2)

1. *Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente do Departamento de Assistência e Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da UFRGS.*
2. *Doutora em Enfermagem. Professora adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EEnf-UFRGS).*

RESUMO

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO: tendo em vista a pouca visibilidade das práticas do enfermeiro na assistência à saúde aos indivíduos e a comunidade, Lima-Basto (2001) reconhece a figura do enfermeiro enquanto profissional que divide com os outros membros da equipe de saúde a responsabilidade da qualidade da assistência prestada pelos serviços de saúde. Rocha e Almeida (2000), referindo-se a um documento da Organização Mundial de Saúde sobre a prática de enfermagem no mundo publicado em 1997, relatam que este documento demonstra que a enfermagem apresenta diferentes práticas influenciadas pela política, economia e cultura, contudo, preserva sempre a essência do cuidado. Assim, conclui-se que a enfermagem, no mundo, possui o maior contingente da força de trabalho em cuidados à saúde, além de ser o grupo que apresenta os mais diferentes papéis, funções e responsabilidades. No Brasil, o exercício profissional da enfermagem, em seus diferentes níveis, é regulamentado através da Lei Federal de N. 7.498 de junho de 1986. Neste documento, encontramos que, entre outras ações, cabe ao enfermeiro planejar, organizar, coordenar, executar e avaliar os serviços de enfermagem, além de realizar consultas e prestar cuidados de enfermagem (BRASIL, 1986). Contudo, pensamos que a simples regulamentação de uma profissão não assegura a qualidade do serviço prestado, ainda mais quando a essência deste serviço é o cuidado dispensado ao ser humano. Diante disto, gostaríamos de discutir neste estudo, não com o intuito de esgotar o assunto, mas fazer um ensaio sobre o cuidado de enfermagem na perspectiva da saúde mental. Para tanto, torna-se necessário resgatarmos o cuidado ou o ato de cuidar desde os primórdios até a sua utilização no contexto das profissões de saúde. **OBJETIVO DO ESTUDO:** realizar uma reflexão sobre o exercício da enfermagem no campo da saúde mental. **METODOLOGIA:** este ensaio configura-se em um texto científico, expressando a visão dos autores a respeito do assunto, por meio de uma reflexão crítica sobre a temática em estudo. **RESULTADOS:** O cuidado está presente em nosso meio desde que surgiu a vida, pois o ato de cuidar representa, antes de tudo, a preservação da vida. Utilizando uma perspectiva da filogênese da palavra cuidado, Rosa *et al* (2005) refere que o indivíduo cuida para preservar a espécie. Neste sentido, encontramos em Collière (1989) que este ato sempre foi, e sempre estará fundamentado, no cuidar, ou seja, no ato de velar e tomar conta, representando um conjunto de atos que têm por finalidade, manter a vida dos seres vivos com o objetivo de permitir a perpetuação da vida do grupo. Contudo, Rosa *et al* (2005) destaca ainda a perspectiva da ontologia da palavra cuidado, tomando assim a fala de Boff (1999), dizendo que o ser humano

cuida de outro por zelo, prazer, enfim, porque é humano. Independente da perspectiva adotada, o cuidado é assumido por homens e mulheres dentro de uma organização de tarefas que são influenciadas pela cultura e pelo período histórico vivido. Diante disto, os grupos humanos afirmaram suas práticas de cuidados e as ritualizaram, delegando ao *Shaman*, e depois aos padres, a responsabilidade de mediar e interpretar o que é bom e o que é mau. Mais tarde, com o avançar da história, este mediador passa a ser o médico, porém, este passa a interpretar não o bem e o mal, mas se propõe a isolar o mal para assim, combatê-lo e derrotá-lo (COLLIÉRE, 1989). Este poder mediador centrado no médico cresce substancialmente e torna-se evidente com o nascimento da clínica em meados do século XVIII, por um lado devido à socialização da medicina e, por outro, devido ao desenvolvimento da física e da química, o que possibilitou a apropriação do hospital, até então nas mãos de religiosos e leigos que assistiam aos pobres, enquanto campo de experimentos sem limites (FOUCAULT, 1993). Todo este movimento transforma o ato de cuidar enquanto propriedade de um ofício, o que leva a medicina a se intitular enquanto único saber científico no ato do cuidar. Aqui se encontram as raízes da visão fragmentada e despersonalizada do ser humano frente à necessidade de cuidados de saúde, tão discutidas atualmente. É neste contexto, de nascimento da clínica e de transformação do hospital em instrumento de cura, que se institucionaliza a prática de enfermagem com o intuito de participar do projeto de recuperação dos indivíduos. Contudo, essas novas necessidades sociais emergiam com o capitalismo, que necessitava da preservação da força de trabalho (ROCHA; ALMEIDA, 1997), daí a importância de manter o indivíduo sadio, ou pelo menos em condições de produzir. Esta conotação de cuidado é transformada pouco depois, inicialmente na Inglaterra do século XIX. Neste período nasce a enfermagem moderna, fundamentada no saber Nightingaliano. Nesta perspectiva, as ações de enfermagem passam a contemplar a visão holística do ser humano, seja ele doente ou sadio em inter-relação com o meio ambiente, incluindo o contexto social, político e ecológico (SILVA, 1995). Diante desta discussão, percebemos que o ato de cuidar é exercido tanto por homens como por mulheres, que dividem as tarefas dentro de uma organização social com o intuito de preservar a vida (mais associado às tarefas das mulheres), ou de afastar a morte (mais associado às tarefas dos homens). Para a compreensão dos recentes processos de profissionalização, dentre elas a da enfermagem, torna-se indispensável o resgate histórico das práticas de cuidados. Portanto, quando se utiliza a perspectiva do gênero, percebe-se que os cuidados vividos e transmitidos pelas mulheres, das origens até os nossos dias, dá identificação às práticas de cuidados de enfermagem exercidas atualmente (COLLIÉRE, 1989). Entretanto, quando pensamos em “cuidados de enfermagem” dispensados aos indivíduos em sofrimento psíquico, ou como outrora foram chamados – “loucos”, “doentes mentais”, “alienados” – nos reportamos novamente a Collière (1989), pois ela destaca a exigência da força física como necessidade para o “cuidado” destes indivíduos, o que justificaria a atuação indispensável do homem neste setor. No Brasil, até as primeiras décadas do século XIX a assistência aos “doentes mentais” era prestada por escravos e voluntários, que os “tratavam” em porões das Santas Casas de Misericórdia, onde os “loucos” eram confinados (BELMONTE, 1998). Diante disto, fica claro que a criação dos hospícios no Brasil, tinha os mesmos objetivos traçados pelo mundo mercantilista, ou seja, a retirada das ruas os habitantes desviantes que perambulavam por elas, entre eles os loucos. Assim, a exemplo do que vinha ocorrendo na Europa, a

enfermagem psiquiátrica brasileira surge no hospício, tendo por objetivos vigiar, controlar e reprimir, mesmo que isto representasse o uso da força física (ROCHA, 1994; AMARANTE, 1996). Neste sentido, é importante ressaltar que a psiquiatria obteve grandes avanços com a criação das drogas psicotrópicas em meados da década de 1950 que, de certa forma, neutralizou esta força física dos “alienados”. Segundo Belmonte *et al* (1998) este “enfermeiro” era um agente intermediário entre o guarda e o médico do hospital, que deveriam executar os meios de repressão definidos pelos médicos, sob a supervisão das irmãs de caridade, que administravam o hospício. **CONCLUSÃO:** Acreditamos que a enfermagem enquanto corpo de conhecimento vem se ampliando em muitas áreas e se sedimentando em outras que há muito vem sendo estudadas. Paralelamente a isto, a enfermagem psiquiátrica vem, nas últimas décadas se firmando enquanto uma disciplina complexa, importante e necessária, abrangente e profunda em suas concepções e relações com o indivíduo, família e sociedade, transcendendo para um campo denominado de Saúde Mental. Esta discussão se torna relevante no Brasil, principalmente a partir da década de 1980, por percebermos importantes mudanças nas políticas de saúde mental no país, em resposta a mudança de paradigma na assistência à saúde mental. Essas mudanças vêm refletindo diretamente na prática profissional, o que justificaria ser oportuna a discussão do papel do enfermeiro e dos outros membros da equipe de enfermagem nos cuidados de saúde dos usuários e familiares que utilizam os serviços de saúde mental. Apesar destes diferentes olhares sobre o cuidado de enfermagem ao ser humano, Rosa *et al* (2005) reconhecem que, os valores humanos inerentes a cada profissional irão ser determinantes na qualidade do cuidado profissional; corroborando com os estudos de Friedrich e Sena (2002), que destacam também a subjetividade do profissional refletidas em suas crenças e verdades, como elementos que interferem na qualidade do cuidar. Indo ao encontro desta qualidade, esperamos que os enfermeiros possam evoluir em sua prática, junto ao indivíduo em sofrimento psíquico e sua família, adotando, portanto, uma postura terapêutica e crítica em seu cotidiano. Assim, concordamos com Stuart e Laraia (2002) na qual destacam que, no campo da psiquiatria, o principal instrumento de relação terapêutica entre enfermeiros e pacientes é a utilização de si próprio, ou como diria Townsend (2000), o uso terapêutico do *Eu* como instrumento de cuidado. O desafio que se coloca e permanece, para nós enfermeiros pesquisadores em saúde mental, se aproxima do desafio da própria enfermagem como um todo, ou seja, definir o papel do enfermeiro e da equipe de enfermagem frente ao indivíduo, família e sociedade. Só que não basta definir, mas compreender as práticas e como elas são/ ou não internalizadas, e construir o saber-ser enfermeiro em saúde mental, para transformar o exercício profissional.

Palavras-chave: Enfermagem. Papel do profissional de enfermagem. Enfermagem psiquiátrica. Saúde mental.